

A ESCRITA-BORDADO DE JOÃO CÂNDIDO

The embroidery-writing of João Cândido

Caro, Fernanda Franco; Graduanda; PUC-Campinas, fernandafcaro@gmail.com¹

Paraguai, Luisa; PhD; PUC-Campinas, luisa.donati@puc-campinas.edu.br²

Resumo: A pesquisa visa investigar as interrelações entre Moda e Arte, observadas a partir de uma perspectiva histórica, tomando os bordados de João Cândido, líder da Revolta da Chibata (MOREL, 1959), como estudo de caso. Contextualiza-se o bordado como atividade do design de superfície, a partir de uma pesquisa bibliográfica (TRANNIN, 2015), para assumir que João Cândido borda enquanto escreve um manifesto político (CINTRA e MESQUITA, 2021) e escreve enquanto borda uma narrativa coletiva.

Palavras chave: Design de superfícies, Bordado, João Cândido.

Abstract: The research aims to investigate the interrelationships between Fashion and Art, observed from a historical perspective, taking the embroidery of João Cândido, leader of the Revolta da Chibata (MOREL, 1959), as a case study. Embroidery is contextualised as a surface design activity, based on bibliographical research (TRANNIN, 2015), to assume that João Cândido embroiders while writing a political manifesto (CINTRA and MESQUITA, 2021) and writes while embroidering a collective narrative.

Keywords: Surface design, Embroidery, João Cândido.

Introdução

O design é um campo de estudo interdisciplinar que procura elaborar ideias considerando a usabilidade, praticidade, estética e conceito, para validar um projeto, que no entanto se alimenta de processos artísticos. Dentro da área de moda e em outras atividades projetuais podemos encontrar o design de superfícies, que desde 2005, quando proposto pelo CNPq, vem ganhando expressividade na pesquisa (SILVA e MENEZES, 2021), e se caracteriza pelo uso de diferentes materiais e técnicas para constituir ou modificar a textura superficial de objetos, com a finalidade de comunicar (SOARES e CUNICO, 2019).

Assim, nessa pesquisa de iniciação científica, pretende-se estudar a técnica do bordado como produto das interrelações entre design e cultura, a partir de João Cândido e sua escrita-bordado enquanto resistência sócio-

¹ Graduanda em Design de moda na Escola de Arquitetura, Artes e Design (EAAD) da PUC-Campinas. Bolsista FAPIC-Reitoria de Iniciação Científica.

² Docente na Escola de Arquitetura, Artes e Design (EAAD) e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (POSURB-ARQ) da PUC-Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Urbanos: Cultura e Arquitetura (EUCA). Graduação em Engenharia Civil, USP, Mestrado e Doutorado em Múltiplos, IA-UNICAMP, e Pós-doutorado no Planetary Collegium, NABA, Milão e no Programa de Pós Graduação em Performances Culturais, UFG.

política. Parte-se de uma pesquisa exploratória - um levantamento bibliográfico de dissertações, artigos, livros, para tomar o bordado como produto técnico do design de superfície. Em seguida, considerando as peças confeccionadas manualmente por João Cândido, como estudo de caso (GIL, 2008), pretendemos descrever os procedimentos técnicos e materiais da perspectiva do bordado.

Assume-se a cultura de uma sociedade - crenças, conhecimento, valores, leis, costumes, hábitos, como interrelações sociopolíticas dinâmicas em um dado contexto histórico, não sendo possível excluir as influências externas e internas desse processo civilizatório. Dessa forma, entendemos que todos os produtos do design materiais e imateriais - artefatos, espaços e modos de pensar e agir – são frutos da cultura, que por sua vez retroalimentam suas manifestações. A cultura, como processo social de produção, compõe com a economia um todo indissolúvel, não sendo portanto, possível analisá-la isoladamente, conforme assinala Canclini (1983 *apud* ONO, 2006, p.9), "por estar inserida em um contexto sócio-econômico e vinculada a uma prática, que é, ao mesmo tempo econômica e simbólica".

Então ao pensar sobre as práticas – fazeres histórico-sociais, toma-se o bordado como tecnologia, na medida em que vem ganhando destaque e valorização nos últimos anos no mercado nacional e internacional, sendo reconhecido por sua manualidade, que confere personalização ao projeto em Design de Moda. A história do bordado no Brasil sempre foi muito doméstica e feminina, de forma que o conhecimento de usar linhas, adereços e agulhas para formar padrões em tecidos era passado de mãe para filha ou até mesmo dentro de escolas só para meninas (PEREIRA e TRINCHÃO, 2021). A exceção disso era a marinha, quando muitos meses no mar, reparos em uniformes, nas velas e outras técnicas com linha e agulha eram necessárias, e sem mulheres a bordo essa tarefa ficava de responsabilidade dos oficiais de baixa patente.

Contexto histórico de João Cândido

No dia 22 de novembro de 1910 estoura na cidade do Rio de Janeiro a Revolta da Chibata. Um movimento dos marinheiros que lutou por mais direitos, entre eles o fim do castigo por chibata. É importante entender que a Marinha brasileira desse período era considerada uma punição para filhos rebeldes ou uma obrigação para detentos, que por conta dos baixos números de alistamentos eram chamados para suprir os cargos de baixas patentes.

No contexto geral brasileiro encontramos uma República recém nascida, proclamada em 1889, e uma grande mudança no social: a recente abolição da escravidão, em 1888. Esses dois processos deveriam ter gerado grandes mudanças na vida dos ex-escravos, assim como dado suporte para que estes pudessem ter chances justas de construir suas vidas em liberdade, mas para muitos marinheiros e recém-libertos esse não foi o caso.

João Cândido Felisberto (figura 1), líder da revolta, nasceu em 1880, no Rio Grande do Sul, filho de ex-escravos. Com indicação do Delegado da Capitania do Porto, Alexandrino de Alencar, ingressou na escola de aprendizes da Marinha no ano de 1895 (MOREL, 2008, p. 260).

Figura 1: Fotografia de João Cândido.



Fonte: <<https://www.uol.com.br/ecoa/amp-stories/joao-candido-quem-foi-o-lider-da-revolta-da-chibata/>>. Acesso em: mar. 2024.

Durante sua carreira, João adquiriu grandes conhecimentos de navegação a vela, se tornando um dos melhores de seu tempo e ainda aprendeu a ler, ainda que com algumas dificuldades e sem a capacidade de escrever, o que era uma grande exceção para homens negros na época. Dentre seus aprendizados com a vela e como marinheiro menor informalmente aprendeu pequenas técnicas de costura e bordado, que supriam as necessidades de longas viagens a bordo (MOREL, 2008, p. 262).

Em 1910, com já 15 anos de experiência, o futuro Almirante Negro e seus colegas de profissão se sentem exaustos das permanências da escravidão dentro da instituição da Marinha Brasileira. As punições corporais, como a chibata, eram permitidas em marinheiros de baixa patente. Esse atraso nos direitos humanos foram fortemente percebidos pelas tripulações quando em viagens para outros países mais avançados nesse quesito.

Assim, o sentimento de revolta cresceu nas classes baixas na Marinha, da qual João fazia parte.

Na noite do dia 22 de novembro daquele ano o estopim acontece. Marcelino Rodrigues Menezes é punido no convés do navio Minas Gerais, com duzentos e cinquenta chibatadas, enquanto o resto da tripulação é obrigada a assistir o marinheiro, que inclusive chega a desmaiar. A ordem é dada: todos os comandantes devem ser retirados dos navios ou se submeterem às ordens dos revoltosos, o que leva a morte de seis deles e ferimento de vários outros. Francisco Dias Martins, posteriormente conhecido por Mão Negra redige o texto a ser enviado ao Presidente da República com as reivindicações do movimento: abolição dos castigos corporais (chibatadas), aumento do soldo e outras melhorias para a qualidade de vida dentro da marinha.

Hermes Rodrigues da Fonseca, iniciou seu governo nesse mesmo ano e poucos dias antes, 15 de novembro, depois de uma disputa acirrada contra seu concorrente para o cargo Rui Barbosa. Tendo em consideração a crise que essa eleição gerou na Política do Café com Leite, era essencial que Hermes reafirmasse seu cargo no início de seu mandato. A explosão de uma revolta tão logo não foi bem vista. Em suas tentativas para acabar com os protestos dos marinheiros, depois de alguns dias, o governo brasileiro concedeu anistia para os envolvidos e acatou suas reivindicações. Porém, uma segunda revolta se inicia somente por parte de alguns poucos marinheiros, indignados após vários de seus colegas serem dispensados de seus serviços.

Como punição são preparados dois destinos: a grande maioria dos homens é colocado no Satélite, navio com destino ao Norte do país, onde as condições durante a viagem poderiam ser comparadas a de escravizados, sendo que uma parcela não resistiu por condições médicas e outra foi fuzilada e jogada ao mar. João Candido e outros dezessete de seus colegas, considerados os mandantes do movimento, foram levados para a Ilha das Cobras e encarcerados em celas com mínima ventilação e higienizadas com cal. Como resultado, um dia de extremo calor do Rio de Janeiro fez com que a cal evaporasse, sufocando os presos. Nessa situação, apenas João Cândido e outro marinheiro saíram vivos daquela solitária.

A prisão era pequena e as paredes estavam pichadas. A gente sentia um calor de rachar. O ar, abafado. A impressão era de que estávamos sendo cozinhados dentro de um caldeirão. Alguns, corroídos pela sede, bebiam a própria urina. Fazíamos as nossas necessidades num barril que, de tão cheio de detritos rolou e inundou um canto da prisão. A pretexto de desinfetar o cubículo, jogaram água com bastante cal. Havia um declive e o líquido, no fundo da masmorra, se evaporou, ficando a cal. A princípio ficamos quietos para não provocar poeira. Pensamos resistir os seis dias de solitária, com pão e água. Mas o calor, ao cair das 10 horas, era sufocante. Gritamos. As nossas súplicas foram abafadas pelo rufar dos tambores. Tentamos arrebentar a grade. O esforço foi gigantesco. Nuvens de cal se desprendiam do chão e invadiam os nossos pulmões, sufocando-nos. A escuridão, tremenda. A única luz era, um candeeiro a querosene. Os gemidos foram diminuindo, até que caiu o silêncio dentro daquele inferno, onde o Governo Federal, em quem confiamos cegamente, jogou 18 brasileiros com seus direitos políticos garantidos pela Constituição e por uma lei votada pelo Congresso Nacional. Quando abriram a porta já tinha gente podre (MOREL, 2008, p. 181-182).

Escritas-Bordados de João Cândido

É nesse contexto de luto e sentimento de injustiça que o Almirante Negro usa o bordado (figura 2 e figura 3) como expressão de resistência.

Figura 2: "Amôr (sic)", toalha bordada por João Cândido



Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de São João del-Rei.

Figura 3: "O adeus ao marujo", toalha bordada por João Cândido.



Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de São João del-Rei.

A partir dos estudos de Evelise Ruthschilling (2009) podemos identificar o bordado como um exemplo do design de superfícies, uma área que se define pela alteração da superfície de um material, podendo ela ser têxtil ou não. "O design de superfícies, por sofrer influências da arte, pode ser subjetivo e ser percebido de diferentes maneiras, dependendo do conceito de exposição e até mesmo da experiência do usuário (RUTHSCHILLING,

2009, p. 59). E por depender de uma estrutura prévia para ser constituído, como no caso de João Cândido temos as toalhas de mão, podemos classificar o bordado como uma "superfície- envoltório" (SILVA e MENEZES, 2020, p. 11).

Buscando exercitar uma análise mais reflexiva das interrelações entre design e arte, reconhecidamente distintos campos de conhecimento, localizamos os bordados de João Cândido, ainda que incluídos no design de superfície, como um produto artístico, na medida em que rompe com as premissas projetuais ao deixar de atender as características funcionais de uso. Para Ono (2006, p. 40) "as funções de uso são aquelas relacionadas à execução da ação. Expressam características objetivas e quantificáveis", e claramente conformam-se de acordo com aspectos sócio-culturais do período histórico vivido.

Nesse sentido da subversão, citamos Cintra e Mesquita (2021) quando exploram o conceito do "bordado de oposição" para caracterizar articulações políticas das atividades projetuais, na medida em que exploram perspectivas contraculturais, como o movimento feminista e o período contra ditadura civil-militar brasileira, na pessoa da designer Zuzu Angel com a coleção International Dateline Collection IV – Holiday & Resort.

No caso do Almirante Negro, as peças não tiveram objetivos comerciais ou de uso, mas sim de comunicação de sentimentos de injustiça, mau tratos e restrição. Nas linhas de João Cândido encontramos uso de linguagem verbal e não verbal como forma de expressar seu devotamento e admiração de toda uma vida pela Marinha e as emoções de sentir que a instituição para a qual se tinha dedicado não se importou de traí-lo. Como observado na figura 2: "os pontos e técnicas provavelmente mais simples, mas com muita prática, formam a palavra liberdade, assim como pombas, um coração sangrando atravessado por uma espada e outros elementos que podemos deduzir como sendo de protesto e afirmação de seus sentimentos" (CARVALHO, 1995, p. 80).

Considerações Finais

A figura do Almirante Negro ainda hoje não é reconhecida como herói pela Marinha Brasileira. A conservação dos bordados "Amôr (sic)" (figura 2) e "O Adeus do Marujo" (figura 3) se mostra importante quando entendemos como resultados de uma narrativa não contemplada por um discurso histórico hegemônico, que se coloca para além das perspectivas estética e funcional do bordado. Nessa escrita-bordado enfatiza-se a subversão das funcionalidades do design de superfície, para João Cândido narrar sua realidade social – sua experiência vivida. Assim, a técnica de linha e agulha de João Cândido atua como um protesto silencioso que perdura, de um momento quando deixaram de ouvir seus gritos por justiça.



Referências

- CARVALHO, J.M. Os bordados de João Cândido. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 2, no. 2, out. 1995. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0104-59701995000300005>>. Acesso em mar. 2024.
- CINTRA, F.; MESQUITA, C. Design, bordado e resistência: entre Zuzu Angel e Linhas de Sampa. **DAPesquisa**, Florianópolis, vol. 16, p. 1-26, jun. 2021. Disponível em <<https://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/19386/13020>>. Acesso em: mar. 2024.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MOREL, M. **João Cândido: a luta pelos direitos humanos**. Brasília, DF: Abravideo 2008.
- ONO, M. Design, Cultura e Identidade, no contexto da globalização. **Revista Design em Foco**, vol. 1, no. 1, julho-dezembro 2004, p. 53-66. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66110107>>. Acesso em: mar. 2024.
- RUTHSCHILLING, E.A. **Design de Superfície**. Porto Alegre, RGS: Editora UFRGS, 2009.
- SILVA, M.L.F. da; MENEZES, M. Dos S. Design de superfícies: compreendendo a especialidade do design. **Revista Transverso**, n. 9, p. 9–17, 2021. Disponível em:<<https://revista.uemg.br/index.php/transverso/article/view/5568>>. Acesso em: mar. 2024.
- SOARES, M.G.; CUNICO, L. Ode à identidade: o design de superfície como interface entre indivíduo-leitor e símbolos. **Educação Gráfica**, vol. 23, no. 2, p. 274-291, agosto 2019. Disponível em <https://www.educacaografica.inf.br/download-do-artigo/?artigo_id=3073>. Acesso em fev. 2024.
- TRANNIN, M.R. **Design de superfícies: o bordado manual como interferência têxtil**. Trabalho de conclusão de curso (Design de Moda), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, 2015.
- TRINCHÃO, G.; PEREIRA, C. O bordado como ferramenta educacional no Brasil entre os séculos XIX e XX. **Revista História da Educação** (online), vol. 25, p. e101244, 2021. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/101244>>. Acesso em: mar. 2024.